

MARXISMO E ENSINO DE HISTÓRIA: PRÁXIS DO CONHECIMENTO E FORMAÇÃO DO SUJEITO CRÍTICO-SOCIAL

Dilceu Roberto Pivatto Junior¹

*Mas é verdade, velho Marx
que a História não basta.
Ocasões importantes,
o homem as faz.
É um homem vivo e real que faz, que domina, que luta.
A História sozinha não faz nada, caros amigos
não faz absolutamente nada. (Herberto Padilha 1971).*

RESUMO:

O significado do conhecimento histórico, esta perdendo seu sentido, resultado das transformações sociais e novos anseios culturais contemporâneos. Assim, os professores de História, em meio das necessidades de criarem novos métodos de se ensinar o conhecimento propriamente dito, buscam romper com o ensino tradicional de História. Pretende-se desta forma, discutir a criação de um novo sentido para o conhecimento histórico que, baseado nas perspectivas do novo marxismo não ortodoxo, envolvam os alunos tanto do ensino básico quanto do superior às questões político-econômicas e sócio-culturais contemporâneas.

Palavras-Chave: Marxismo; ensino de História; sujeito crítico-social.

ABSTRACT:

The significance of historical knowledge, is losing its meaning, the result of social changes and new contemporary cultural anxieties. Thus, teachers of history, in the midst of the needs to develop new methods to teach the knowledge itself, seeking to break with the traditional teaching of history. It is intended this way, discussing the creation of a new sense of historical knowledge that, based on the prospects of the new Marxism unorthodox, involving both students of basic education as the top issues to political-economic and socio-cultural contemporary.

Keywords: Marxism, history teaching, social-critical subject.

Introdução

¹ Graduando em História pela Universidade de Passo Fundo (8º nível), pesquisador de iniciação científica (Pibic/UPF). E-mail: dilceu.pivatto@hotmail.com

Muitas são as discussões em torno do ensino de História e suas novas perspectivas. A necessidade de se criar novos métodos de se ensinar História, é reflexo das necessidades que os professores do ensino básico têm de desenvolver aulas que mobilizem os alunos, uma vez que o desinteresse nas aulas é cada vez maior por parte dos estudantes. Dada a necessidade de se criar, então, um novo sentido para o conhecimento histórico, busca-se nas ideias de Marx, Engels e teóricos marxistas, respostas para as relações e mudanças sociais, pensadas a partir da História. Assim, a discussão desta análise teórica e prática sobre o ensino de História, a partir de uma matriz marxista, dar-se-á em três momentos: (1) discussão sobre a teoria marxista atual, seus problemas e perspectivas; (2) envolvimento do ensino de História com o pensamento marxista e formação de uma nova consciência crítica-social; (3) o desenvolvimento do conhecimento crítico em sala de aula, tendo como exemplo o estágio docente curricular com alunos do ensino médio da Escola Protásio Alves¹. Os objetivos desta discussão, envolvendo marxismo e ensino de História, visam a formação de novas perspectivas sobre o conhecimento histórico no meio social. Atualmente, o conhecimento produzido dentro das universidades, cumpre parcialmente com o seu papel informativo-social, devido à desarticulação entre o discurso acadêmico erudito e a cultura popular tradicional. Pensa-se que os problemas sociais, devem ser resolvidos pelas instituições políticas, no entanto, a mudança e o melhoria das condições sociais só se materializam com a participação ampla das classes menos privilegiadas. Para tanto, é necessária, a formação de uma consciência-social dentro das escolas, através do ensino e compreensão das relações político-econômicas social-culturais atuais, para assim se iniciar a ampla transformação através dos movimentos sociais e da ação política.

2. Marx(ismos): notas para uma reflexão teórica

Novas interpretações estão sendo feitas a respeito dos escritos de Marx e Engels em resposta aos marxistas ortodoxos materialistas. A desatualização e incoerência dos primeiros escritos sobre estes dois autores, criaram determinada ortodoxia e dogmatismo, fazendo do pensamento teórico marxista, algo acabado e auto-suficiente com respostas inequívocas para todo tempo e lugar (GONZÁLES, 2007, p.17). As

novas leituras marxistas buscam uma renovação periódica da teoria marxiana, na busca de respostas e soluções para o século XXI.

A ampliação dos temas estudados deu espaço para novas discussões historiográficas. A dicotomia (rural x urbano e feudal x capitalismo) enquanto cerne dos debates e linha de pensamento foi perdendo sentido, não conseguindo responder a complexidade das relações sociais. Sendo assim, os temas delimitados e orientados sob uma visão econômica como do tipo *agrário, semifeudal, semicolonial* (DIEHL, 1999, p.30s), perderam espaço para os temas como: *estudos de gênero, relações de poder intra-classe, cultura material, simbolismo, misérias cotidianas* contrários ao reducionismo econômico (GONZÁLEZ, 2007, p.15).

Não visando uma análise aprofundada sobre as novas temáticas da historiografia marxista, é importante destacar neste momento as novas perspectivas sobre a teoria marxista. A necessidade de renovação do pensamento de Marx torna-se constante, ao passo que o materialismo ingênuo é desarmado por sua característica dogmática incontestável (GONZÁLEZ, 2007, p.24). A parcialidade da razão, através das novas perspectivas, também começa a ser discutida, dado o conhecimento crítico de uma determinada realidade não abrangente, mas sim singular (GRUNER, 2007, p.118).

A partir destas perspectivas, de contestação ao modelo ortodoxo marxista, o campo das ideias políticas e movimentos sociais, também sofrem transformações positivas. Ao passo que o marxismo dogmático visava uma revolução prematura através das armas, pensa-se de forma mais coerente que, uma revolução deve ter seu início após uma formação consciente-autônoma dos indivíduos. Em outras palavras, deve-se deixar claro que, os indivíduos devem antes de qualquer ação, expandir os seus conhecimentos, a ponto de estarem preparados para uma mudança gradual nas relações políticas e sociais (GRUNER, 2007, p.104-107).

Nesse sentido, os partidos políticos ganham importância, sendo possível o uso destes como instrumento das classes menos privilegiadas, para chegarem ao poder de decisão. Organizadas as classes menos privilegiadas em partidos políticos de expressão, poderão elas atingir seus interesses guiados pela conscientização de classe e suas necessidades. No entanto, o sistema de divisão de trabalho e a parcial desarticulação

organizacional das classes trabalhadoras, trazem dificuldades àqueles que de alguma forma são explorados pelo capitalismo condicionante (GONZÁLEZ, 2007, p.29-31).

Entre os espaços de formação de uma consciência social-ativa, pode-se destacar a escola, sendo ela um espaço fundamental. A revolução não se dá dentro das escolas, no entanto, não há revolução sem escolas. Nesse sentido, o ensino de História torna-se um estudo de grande importância complementar na formação do sujeito social-ativo; a compreensão dos mecanismos de funcionamento da sociedade através do conhecimento histórico oferece um maior sentido ao surgimento destes mecanismos de dominação e sua lógica (HOUTART, 2007, p. 426).

3. Marxismo, ensino de história, e formação do sujeito crítico-social

Atualmente as manifestações sociais, são os meios de ação dos sujeitos atuantes no campo das transformações sociais. Nesse sentido, a teoria marxista ortodoxa perde seu sentido, uma vez que as manifestações organizadas tendem a estabilizar a ação política e o exercício de poder, sem a necessidade de se tomar efetivamente o poder governamental. Todavia, existe a necessidade de se construir novos sujeitos conscientes, capazes de agir de forma coerente com suas realidades sociais e limitações de ação (HOUTART, 2007, p. 425s).

Para tanto é necessária a formação de uma consciência coletiva e ética, para que desta forma contribuam enquanto conjunto de atores sociais que, em atividades, se refiram a dignidade humana e ao bem de todos (HOUTART, 2007, p. 427). Assim, aos professores de História, cabe formar a consciência dos atores sociais. Partindo da realidade social, marcada pela exploração das classes empobrecidas, o professor fará da História um instrumento de defesa e legitimação da ação humana crítico-social. Somente através do conhecimento histórico pode-se construir sujeitos capazes de refletir sobre o presente.

Os trabalhadores devem ter o conhecimento de que eles são os agentes reais das transformações de sua realidade e do mundo. Cabe ao intelectual, neste caso ao professor de História, antecipar no plano das ideias a ação consciente e organizada

(GRUNER, 2007, p. 113). Mas é somente com a ação conjunta das classes menos privilegiadas que a ação conjunta política poderá se tornar autônoma sob bases sólidas. O sujeito crítico-social passa, então, a agir conforme sua instrução e conhecimento real das relações de poder disseminadas entre os dominadores e os dominados.

Muitas vezes, a ação política inconsciente tende a não atingir seus objetivos, devido o desconhecimento das amplas relações de poder por parte dos movimentos de contestação. O século XXI mostra claramente que as ações dos movimentos de contestação não se estabelecem necessariamente no campo da luta armada. Na realidade contemporânea, as formas de se lutar e chegar ao poder encontram outros meios eficazes de ação. No entanto, o *Manifesto do Partido Comunista*, não perdeu seu caráter documental teórico e prático que explica e fundamenta a práxis revolucionária, traçando fins, estratégias, táticas e críticas às falsas concepções sobre o socialismo e o comunismo (MAYORAL, 2007, p. 307).

Destaca-se ainda, sob a perspectiva marxiana que, o mundo não muda somente pela prática, pois toda a ação requer uma crítica teórica que inclua fins e táticas (MAYORAL, 2007, p. 304). Partindo desta ideia, destaca-se que a formação de indivíduos instruídos ganha maior importância, ao passo que qualquer ação sem uma crítica teórica consistente, poderá perder seu rumo ou então razão própria. Nesse aspecto, o professor de História não deve, em suas aulas, ensinar o conhecimento histórico somente pelo conhecimento e erudição, mas sim deve dar um sentido àquilo que ele pretende ensinar.

O professor de História, tendo o conhecimento das construções sociais durante os tempos, tem a capacidade de mostrar que as mudanças no tempo presente são possíveis de serem realizadas. É importante destacar que, durante as aulas de História, o professor consiga desenvolver a criticidade dos seus alunos, não somente sobre o que passou, mas sim sobre o que esta acontecendo no tempo presente. Os mecanismos de dominação devem ser analisados e compreendidos segundo os seus objetivos, entre estes pode-se destacar: a mídia; o mundo do trabalho e seus condicionamentos; as relações entre empregador e empregado; o poder de persuasão comercial característico

da cultura do capital; o Estado enquanto defensor dos interesses de uma classe dominante.

Entendendo-se que o presente nada mais é que um *continuum* do passado, nota-se que o conhecimento histórico tem por si só um discurso, que é a história dos dominadores e dos dominados. O que cada professor de História deve deixar bem claro em suas aulas, é que os alunos devem estar atentos a qualquer ação de exploração, e que dada a existência desta, é necessária uma rápida organização e reivindicação contrária. Outro aspecto importante a ser observado, é que através da formação de indivíduos mais participantes socialmente, será possível combater a desigualdade social em grande escala.

Assim a História passa a ser uma disciplina fundamental para a compreensão do mundo e seu processo de transformação. Nas universidades, talvez seja mais nítida a formação de indivíduos críticos, no entanto, o que se poder ver nas escolas é a falta de envolvimento da História com o presente, e a crítica dos estudantes a partir do passado. Nas escolas, os professores devem propor aos seus alunos a capacidade de pensarem sua realidade de forma crítica. Sem isso, é impossível se organizar para uma ação maior e conjunta. O interessante é que, sendo formadas novas consciências críticas sobre a realidade, aquilo que parecia impossível de ser imaginado sobre possíveis mudanças a partir das ações populares, passa a ser uma realidade.

Destaca-se que, mesmo sendo a escola um espaço indicado para a discussão sobre o presente e suas realidades, o processo de ação política popular não se limita a escola. É necessária uma articulação, entre os novos alunos pensantes com suas possibilidades de ação e contestação, sem que isso resulte em possíveis prisões ou então lutas armadas contra os órgãos do Estado. Atualmente os partidos políticos, expressam os interesses entre as classes e seus interesses. Assim, a ação partidária via democracia parece ser o melhor caminho a ser seguido por aqueles que definitivamente pretendem agir em nome de alguma causa popular (MAYORAL, 2007, p. 308).

O que pretende-se até aqui, é destacar que o pensamento político e a ação deste sobre a realidade, somente é capaz através de uma conscientização de classe iniciada nas escolas, e em particular no ensino de História. A ação integrada entre o ensino de

História, a formação de um sujeito crítico-social a partir dela e a ação política partidária, são os meios legais de ação atualmente. Todavia, não existe uma necessidade de que todas as pessoas devem ser filiadas ou candidatas de um determinado partido de esquerda, mas que sim, saibam apoiar estes partidos nas eleições, seja para o cargo de presidente do país, seja para o cargo de vereador de uma determinada cidade interiorana.

Acredita-se que, quando o passado entra em contato com o presente e sua capacidade de transformação para melhores condições materiais de vida, os alunos começam a se identificar com o discurso libertador das classes oprimidas. Muitas vezes, as pessoas, ou então os alunos, não conseguem entender o real funcionamento do mundo em que vivem, menos ainda entender o processo histórico de formação desse mundo. Em outras palavras, pode-se afirmar que as pessoas contemporâneas não percebem ou então não questionam a maneira em que vivem e porque vivem nessas condições, muitas vezes marcadas pela miséria aparentemente tão comum a elas.

A participação dos intelectuais dos professores, a partir desta apresentação em torno da formação de novos sujeitos crítico-sociais, passa a ser de fundamental importância. A instrução e não manipulação é um compromisso que os intelectuais-professores têm com os seus próprios alunos. Os professores não podem pensar somente em enquadrarem os seus alunos ao mercado de trabalho, como é muito comum de se observar, mas sim, devem fazer com que os seus alunos consigam agir de forma emancipada sobre os acontecimentos que os atingem e atingem seus próximos.

4. Marxismo e conhecimento histórico em sala de aula²

Tomado como exemplo o meu estágio docente curricular, com os alunos da turma 301 (ano 2010) do Ensino Médio da Escola Estadual Protásio Alves, pretende-se neste momento, mostrar que é possível desenvolver aulas segundo essa nova concepção marxista da História. Mas antes, é importante destacar que, de forma alguma o professor de História deve se limitar as concepções marxistas dogmáticas que, reduzem o desenvolvimento da História e seus acontecimentos à *luta de classes*.

Além das perspectivas simplificadoras ortodoxas, temas de gênero como feminismo, ou ainda, questões de natureza cultural, podem ser abordados segundo as novas concepções marxistas. No meu estágio curricular tive de trabalhar o primeiro governo Vargas (1930-1945), a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e a Guerra Fria (1946-1987). A partir destes períodos históricos puderam-se indicar alguns temas-chave para compreender a própria estruturação do Brasil enquanto Estado-nação, e a configuração do sistema internacional em processo de reestruturação do capitalismo.

Sistematicamente será abordado em um primeiro momento, o período do primeiro governo de Getúlio Vargas e em um segundo momento, a transformação do cenário internacional a partir do fim da Segunda Guerra Mundial. No período Vargas, não deixando de trabalhar questões fundamentais como a Revolução Constitucionalista de 1932, ou então a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, outros temas podem ser trabalhados segundo uma análise de caráter marxista.

Dentre os temas que venham a formar um indivíduo crítico-social, destaca-se o processo de industrialização e urbanização do Brasil. Tal processo histórico teve como resultado a formação de uma nova classe trabalhadora: a operária. Observa-se que o processo de desenvolvimento do Brasil também pode ser entendido como um processo de capitalização e associação do Brasil aos interesses do comércio internacional. A questão operária, pode ser usada como tema de discussão à respeito da situação dos trabalhadores do século XXI. Assim, é possível fazer uma análise crítica sobre as conquistas dos trabalhadores e suas desvantagens, partindo da ideia de que muitas conquistas estão ainda por ser realizadas.

A manutenção do capitalismo nacional e suas reformas internas durante o primeiro governo Vargas, são somente exemplos dentre tantos durante a História do país. Todavia, existe a necessidade de não deixar dúvidas a respeito das diferenças temporais, entre a realidade dos anos de 1930 e 1940, com os anos de 2010. A própria existência do Estado e seus setores da burocracia, não indicam necessariamente um fim de sua organização, o que deve ficar claro é que, enquanto instrumento de poder, o Estado pode atender os interesses tanto das elites nacionais quanto das populações exploradas.

No entanto, de nada adianta o Estado brasileiro ter por objetivo combater a desigualdade social se, por outro lado, os interesses externos fazem do país fonte de riqueza dos setores multinacionais. O período da Guerra Fria é um ótimo período para se pensar o Brasil e seus laços de dependência internacional. No estágio buscou-se desenvolver o conhecimento crítico com os alunos sobre as disputas entre EUA e URSS, para então, se pensar a posição atual do Brasil enquanto país intermediário. Um país autônomo significa um país capaz de se defender dos interesses particulares externos, como também, capaz de atender as necessidades populares internas.

Assim, nas questões voltadas a política interna e externa do país, ou então, ao próprio sistema internacional, é notável a necessidade de se compreender o processo de estruturação das relações políticas de poder. As relações entre Estado e sociedade, e entre os próprios Estados nacionais, remetem os intelectuais a uma maior discussão a respeito das forças desiguais de poder. A partir das discussões e compreensão das relações de poder durante os períodos anteriormente citados, os alunos poderão refletir sobre sua realidade, seus pontos positivos e negativos.

É importante que o professor saiba desenvolver aulas capazes de incutir a discussão de ideias e opiniões entre os alunos. O questionamento da realidade a partir do passado, não se limita as relações capitalistas de poder. A partir de outros períodos históricos pré-capitalistas, o professor de História pode trazer discussões construtivas, por exemplo: a própria existência de instituições políticas criadas pela humanidade, que têm sua origem na antiga Grécia; na própria relação do homem com a terra são notáveis os variados discursos da sua posse legitimada. Temas voltados a questões culturais também podem ser utilizados para uma maior compreensão do presente: a Igreja Católica pode ser questionada enquanto instituição de poder e influência sobre a cultura social.

No caso da turma 301 do Ensino Médio (formandos 2010) da Escola Protásio Alves, durante as discussões acerca da realidade dos alunos, notou-se a formação de um posicionamento destes estudantes perante a mesma. A abordagem de temas como a presença da mulher na política, a propriedade privada e suas grandes extensões, as condições materiais dos trabalhadores urbanos e rurais, a mídia enquanto ferramenta

política, entre outros temas importantes, foram focos de discussão. É interessante observar que no decorrer das aulas, os alunos começaram a estender cada vez mais suas opiniões nos momentos de discussão, trazendo muitas vezes críticas construtivas.

As relações de poder e seus mecanismos de dominação, uma vez compreendidos, podem incutir a ideia de transformação do real. No meu estágio docente curricular, consegui relacionar a História com a realidade sob uma tentativa de mostrar aos alunos que, em tudo existe possibilidade de mudança. Seguindo da lógica de que, não necessariamente deve-se chegar ao poder para agir sobre ele, acredita-se que todo intelectual comprometido com as classes menos privilegiadas, deve atuar com força onde estiverem.

Considerações Finais

A busca por um novo sentido para o conhecimento histórico, pode assim ser entendido como um instrumento de libertação. Para tanto, o rompimento com o ensino tradicional de História, necessita não somente de novos mecanismos didáticos, como também, de novos fins objetivos. As transformações sociais, através da formação de uma consciência social entre os alunos das escolas e setores universitários, passam a ser objetivo dos intelectuais que tenham compromisso as classes desprivilegiadas.

Através do envolvimento dos estudantes às questões político-econômicas e sócio-culturais contemporâneas, destaca-se a importância da capacidade destes agirem sob as reais relações de poder e dominação. Todavia, a participação destes não é determinante para uma vitória sobre a desigualdade social existente. A organização das classes sociais empobrecidas deve agir de forma continuada a partir das escolas seguidas pelos setores familiares, tendo em sequência a militância partidária. Atualmente com a democracia, as ações políticas através dos partidos e apoio popular a estes, parecem ser os meios ideais para fins de melhores condições de vida.

Assim, o conhecimento crítico passa a ser o real instrumento de libertação das classes oprimidas. O próprio uso da política mostra sua capacidade de desenvolver uma maior identidade da sociedade com o Estado, uma vez que, este possa suprir de suas

necessidades básicas materiais. Em outras palavras entende-se que, com uma participação consciente das massas populares na política, isso significa que as próprias tendem a exercer de forma mais acentuada sua cidadania.

Destaca-se ainda que o pensamento marxista atualizado tende a não se enquadrar ao marxismo ortodoxo e doutrinário limitador das ações humanas. O novo marxismo, trabalhando com questões mais amplas e reais, busca através das leituras de Marx e Engels, agir de forma coerente. É necessária uma reorientação para mudar a realidade dos verdadeiros agentes históricos que dominam, que lutam, que transformam e que fazem o mundo. Nesse sentido, as escolas e em particular o ensino de História, passam a cumprir adequadamente com sua específica função educacional.

Por fim, pode-se afirmar que o ensino de História em sala de aula ganha maior sentido, ao passo que tende a formar sujeitos críticos. Com o advento do novo marxismo, é possível fazer do pensamento de Marx e Engels um pensamento libertador e não doutrinador. A conscientização popular mostra-se assim eficaz quando se refere aos problemas sociais e de Estado a serem resolvidos. Desta forma, o próprio conhecimento histórico relacionado com a realidade, tende a formar agentes políticos permanentemente ativos, e que pensem pelo coletivo.

Referências Bibliográficas

ANDERSON, Perry. As ideias e a ação política na mudança histórica. In: BORON, Atílio A.; AMADEO, Javier; GONZÁLEZ (Orgs.) *A teoria marxista hoje*. Problemas e perspectivas. São Paulo: Expressão Popular, 2007, p. 365-377.

DIEHL, Astor Antônio. *A cultura historiográfica brasileira: década de 1930 aos anos de 1970*. Passo Fundo: UPF, 1999.

GONZÁLEZ, Sabrina. Crônicas marxianas de uma morte anunciada. In: BORON, Atílio A.; AMADEO, Javier; GONZÁLEZ (Orgs.) *A teoria marxista hoje*. Problemas e perspectivas. São Paulo: Expressão Popular, 2007, p.15-32.

GRUNER, Eduardo. Leituras culpadas: Marx(ismos) e a práxis do conhecimento. In: BORON, Atílio A.; AMADEO, Javier; GONZÁLEZ (Orgs.) *A teoria marxista hoje*. Problemas e perspectivas. São Paulo: Expressão Popular, 2007, p. 101-142.

HOUTART, François. Os movimentos sociais e a construção de um novo sujeito histórico. In: BORON, Atílio A.; AMADEO, Javier; GONZÁLEZ (Orgs.) *A teoria marxista hoje*. Problemas e perspectivas. São Paulo: Expressão Popular, 2007, p. 421-430.

MAYORAL, María Rosa Palazón. A filosofia da práxis segundo Adolfo Sánchez Vázquez. In: BORON, Atílio A.; AMADEO, Javier; GONZÁLEZ (Orgs.) *A teoria marxista hoje*. Problemas e perspectivas. São Paulo: Expressão Popular, 2007, 297-310.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Porto Alegre: L&PM, 2006.

Notas

¹ Refiro-me ao meu estágio curricular obrigatório, do qual fiz com a turma 301 do Ensino Médio, na Escola Protásio Alves.

² Refiro-me ao meu estágio curricular obrigatório, do qual fiz com a turma 301 do Ensino Médio 2010, na Escola Protásio Alves. Busco aqui, envolver a minha concepção de ensino de história segundo o novo marxismo, com a formação de indivíduos mais ativos e críticos, que pensem e transformem sua realidade.